

Operação Formosa 2024: imprescindível para a defesa da Nação

» ROBERTO ROSSATTO

Vice-almirante (fuzileiro naval), comandante da Força de Fuzileiros da Esquadra

Em setembro, as Forças Armadas realizam a tradicional Operação Formosa, o maior treinamento militar do Planalto Central. A poucos quilômetros do Distrito Federal, o Campo de Instrução de Formosa (CIF), em Goiás, receberá mais de 3 mil militares, sendo 2.500 da Marinha do Brasil (MB), 600 do Exército Brasileiro (EB) e 70 da Força Aérea Brasileira (FAB). Esses militares atuarão de forma conjunta, simulando as diversas fases de uma operação anfíbia, considerada a mais complexa das operações militares.

Nos últimos 20 anos, o Ministério da Defesa e as Forças Armadas têm atuado nas mais variadas atividades previstas em leis, como as operações de apoio à Defesa Civil, no Rio Grande do Sul, na Baixada Fluminense, no Litoral Norte de São Paulo e em Petrópolis; a Operação Covid-19, que chegou a mobilizar diariamente mais de 34.000 militares; as operações de paz, no Haiti e no Líbano, e a Operação Acolhida, na fronteira com a Venezuela; além de grande quantidade de operações de garantia da lei e da ordem (GLO).

Além disso, foram realizadas inúmeras outras ações sociais e humanitárias, de apoio ao desenvolvimento, atendimento de saúde às populações mais remotas, transporte de órgãos e combate a crimes transnacionais. Atividades realizadas constantemente nos mais longínquos rincões do Brasil, onde o braço do Estado só consegue alcançar, por meio das suas Forças Armadas.

No entanto, apesar da relevância de todas essas atividades, a principal atribuição constitucional das Forças Armadas é a defesa da Pátria. O preparo conjunto da MB, EB e FAB para o desempenho de tal missão é crucial e deve ser fomentado continuamente. Neste contexto, a realização da Operação Formosa 2024 representa, juntamente com outros treinamentos anuais conjuntos, um compromisso das Forças Armadas brasileiras com a nação. Uma pronta resposta de que essas instituições militares devem estar sempre treinadas e bem equipadas para exercerem suas atividades-fim de defesa da nossa soberania.

A Operação Formosa, realizada desde 1988, pelo Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) da Marinha do Brasil, completa 36 anos de existência. Nos últimos anos, sua importância vem aumentando

significativamente, tanto no cenário nacional, como no internacional. Desde 2021, o exercício passou a contar com uma expressiva fase conjunta, com crescente participação do Exército Brasileiro e da Força Aérea Brasileira.

Além disso, a qualidade do treinamento realizado vem alcançando forte repercussão internacional. Para este ano, já estão confirmadas as presenças de representantes de 12 países, incluindo África do Sul, Argentina, China, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, México, Nigéria, Paquistão e República do Congo. Para o CFN, a Operação Formosa sempre teve importância vital.

De acordo com a Estratégia Nacional de Defesa (END), o CFN, como parcela intrínseca da Marinha, constitui força estratégica, de caráter anfíbio e expedicionário, deve permanecer em permanente condição de pronto emprego, de modo a ser desdobrado onde ditarem os interesses nacionais. Em 2022, sua Força de Reação Rápida foi certificada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como nível 3 de prontidão para as Operações de Paz, o mais elevado nível operacional para aquela organização, tornando-se assim a primeira do País a atingir tal certificação, sendo atualmente a única disponível no mundo.

Uma das mais importantes características da

Operação Formosa é justamente o realismo do treinamento. Todos os armamentos são utilizados, de forma intensa, simultânea e integrada, com munição real, marcando o profissionalismo das tropas.

Podem ser observados, de perto, o emprego de carros de combate (disparando com seus canhões), veículos blindados e Carros Lagarta Anfíbios (CLAnf) (efetuando disparos de metralhadoras e lança granadas), aviões e helicópteros (lançando bombas e atirando com metralhadoras), Aeronaves Remotamente Pilotadas (ARP), obuseiros de artilharia, Lançadores Múltiplos de Foguetes Astros, infiltração de paraquedistas, montagem de Unidade Avançada de Trauma (UAT) com telemedicina, posto de descontaminação Nuclear, Biológica, Química e Radiológica (NBQR), laboratório móvel de detecção de agentes químicos, dentre outros meios de combate, deslocados do Rio de Janeiro, percorrendo mais de 1.400 km.

Assim, a Operação Formosa 2024 permitirá treinar os militares das três Forças Armadas brasileiras no emprego combinado de armas, manobras táticas, fogos de artilharia e operações aéreas e especiais, contribuindo fortemente para a interoperabilidade entre as forças e assegurando sempre o melhor preparo para a defesa do nosso país.



Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

O Brasil é uma brasa, mora?

Hoje já são mais de 160 mil focos de incêndio por todo o Brasil, com o fogo se alastrando até por regiões que antes se acreditava livres desses desastres. As regiões Norte e Centro-Oeste têm sido as mais afetadas, com parte da floresta amazônica e do Pantanal queimando há dias ininterruptamente. Todo o país está em meio a uma seca recorde jamais vista, com altas temperaturas e ventos cortando o continente de Norte a Sul e ajudando a espalhar as queimadas e as nuvens gigantes de fumaça tóxica.

Aos olhos do mundo o Brasil está vivendo seu inferno astral, com a natureza, antes exuberante, sendo reduzida a cinzas. As consequências dessa multiplicidade de foco de incêndios, ainda não foram contabilizadas em sua inteireza. Quando os cálculos dos prejuízos forem fechados, veremos que o Brasil terá registrado dezenas de bilhões em perdas, tanto para o meio ambiente, como para a economia em geral.

O que se mostra patente é que o nosso país não se preparou minimamente para enfrentar tanto o aquecimento global e as mudanças climáticas, como para prevenir materialmente para o combate aos milhares de focos de incêndios. Há nesse quadro de desastre anunciado, uma sequência tal de imprevidência e prevaricações, que se fossem devidamente levadas aos tribunais, para verificação de culpas e de crimes, poucos gestores municipais, estaduais e mesmo federais escapariam de severas punições.

Agora, depois que o país inteiro parece ter sido lançado numa fogueira continental é que algumas medidas estão sendo anunciadas e prometidas. Se o imperador romano Nero (séc I a.C.) pudesse presenciar o que acontece hoje com o nosso país, veria que o incêndio que consumiu parte da Roma antiga, atribuída por ele aos cristãos, não passou de brincadeira de criança.

Mapas de satélite mostram a evolução das queimadas em todo o território nacional e não deixam dúvidas de que os focos foram sendo multiplicados por mil ao longo dos meses desse ano. A parte central de nosso país, onde se encontram as maiores áreas de cerrado, tem sido enormemente impactada pelo fogo. O Cerrado, considerado pelos ambientalistas como sendo o berço das águas ou caixa d'água do Brasil, pois das 12 principais regiões hidrográficas do país, responde por nada menos do que oito nascentes que formam as bacias Amazônica (rios Xingu, Madeira e Trombetas); a bacia do Tocantins-Araguaia (rios Araguaia e Tocantins); a do Atlântico Norte Oriental (Rio Itapecuru); a Bacia do Parnaíba (rios Parnaíba, Poti e Longá), na Bacia do São Francisco (rios São Francisco, Pará, Parnaíba, das Velhas Jequitai, Paracatu, Uruçuia, Carinhanha, Correntes e Grande) Bacia do Atlântico Leste (rios Pardo e Jequitinhonha); a Bacia do Paraná (rios Paranaíba, Grande, Sucuriú, Verde e Pardo); além da Bacia do Paraguai (rios Cuiabá, São Lourenço, Taquari e Aquidauana).

Deixar uma região com essa importância à mercê do fogo ou de um agronegócio do tipo predatório (latifúndios e monocultura), que visa apenas o lucro e os resultados da balança de comércio, é um crime de grande monta, quase um crime contra a humanidade e uma condenação antecipada às futuras gerações, que terão que conviver com imensas áreas desertificadas pela ação humana desastrosa e cheia de ganâncias.

Tivessem juízo, nossas autoridades deveriam fechar toda essa imensa região a toda e quaisquer atividades, que não visassem exclusivamente a preservação desses recursos hídricos. O certo, como vem alertando há décadas muitos ambientalistas, seria criar um parque nacional em torno de todas essas nascentes formadoras das principais bacias hidrográficas do país. Ou é isso, ou não se pode falar em futuro e muito menos nas próximas gerações.

» A frase que foi pronunciada:

“Justificar tragédias como vontade divina tira da gente a responsabilidade por nossas escolhas.”
Umberto Eco

Oportunidade

» Até 13 de setembro quem tiver 18 anos ou mais terá a oportunidade de se inscrever no Orion Bootcamp. Das 50 vagas oferecidas para o curso, 5 vagas estão garantidas para contrato dos melhores estudantes. São 60 dias puxados entre três assuntos: ou programação, Product Owner (dono do próprio negócio) ou Inteligência Artificial. Depois das inscrições feitas haverá uma seleção para ocupar as 50 vagas. Veja os detalhes do assunto no blog do Ari Cunha.

» História de Brasília

Nesta história da Novacap, a solução é a gente recorrer ao filósofo de Mondubim, que costumava dizer: não há governo sem ladrão no meio, mas cabe aos direitos, mandá-los para a caixa preta. (Publicada em 17/4/1962)

Qualidade do ensino superior a distância

» DANIELA GLAETE SOARES LINS

Integrante do Núcleo Regional ABED de Recife (PE); coordenadora e professora de educação profissional, dos cursos técnicos da ETE Professor Lúcio Ávila Pessoa (Eteplap), escritora e tutora EaD (UPE)

Em 15 de setembro, começa em Brasília o 29º CIAED — Congresso Internacional ABED de Educação a Distância —, realizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), a principal referência latino-americana e de países de língua portuguesa de educação a distância. Nesta edição, a ABED prevê reunir mais de 2 mil pessoas em torno da Educação a Distância de Qualidade. Reflexões como esta, trazidas pela educadora, estarão presentes em todo o evento, que termina no dia 18 de setembro.

Nos últimos anos, o ensino superior a distância tem se destacado como uma modalidade educacional crescente e significativa. Esse modelo ganhou ainda mais relevância com a pandemia de COVID-19, que acelerou a adoção de práticas de ensino remoto. No entanto, a qualidade do ensino a distância é um tema que gera debates e exige uma análise detalhada para garantir que seja uma alternativa viável e eficaz ao ensino presencial.

O ensino superior a distância oferece uma série de vantagens destacadas para sua atratividade e eficácia. Uma das principais vantagens é a flexibilidade. O estudante pode acessar o conteúdo das aulas a qualquer momento e em qualquer lugar, possibilitando a conciliação dos estudos com o trabalho, a família e outras responsabilidades. Essa flexibilidade é especialmente benéfica para adultos que buscam continuar sua formação acadêmica sem comprometer suas atividades diárias.

Outra vantagem significativa é a democratização do acesso à educação. Pessoas que vivem em áreas remotas ou que enfrentam dificuldades de deslocamento podem, através da Educação a Distância (EaD), acessar cursos de qualidade sem precisar mudar de cidade ou enfrentar longas jornadas diárias. Isso é particularmente importante em um país com dimensões continentais como o Brasil, onde as disparidades regionais são marcantes.

Além disso, o custo é um fator relevante. Cursos a distância geralmente são mais acessíveis do que os presenciais, tanto em termos de mensalidades quanto de gastos adicionais, como transporte, alimentação e material didático. Essa redução de custos torna a educação superior mais acessível para uma parcela maior da população. Apesar das vantagens, a qualidade do ensino superior a distância enfrenta alguns desafios que precisam ser superados. Um dos principais desafios é a infraestrutura tecnológica. Tanto os alunos quanto as instituições de ensino precisam ter acesso a equipamentos adequados e uma conexão à internet de qualidade para a experiência educacional ser garantida.

A metodologia de ensino também precisa ser adaptada à modalidade a distância, além de fazer uso de materiais didáticos de alta qualidade e contar com estratégias pedagógicas que promovam a interação e o envolvimento dos alunos, tais

como: fóruns de discussão, chats e videoconferências, que são fundamentais para manter uma comunicação eficaz entre alunos e professores.

O papel do corpo docente é outro fator crucial para a qualidade do ensino a distância. Professores capacitados para a EaD precisam ser proficientes no uso de tecnologias educacionais e capazes de criar um ambiente virtual de aprendizagem que seja estimulante e produtivo. A formação contínua desses profissionais é fundamental para manter a qualidade do ensino. Além do feedback contínuo, permite que as instituições identifiquem pontos fortes e áreas que precisam ser melhoradas, ajustando suas práticas pedagógicas para atender melhor às necessidades dos alunos.

Contudo, o ensino superior a distância tem se consolidado como uma modalidade educacional importante e necessária no cenário atual. A qualidade desta modalidade depende de diversos fatores, incluindo infraestrutura tecnológica, metodologia de ensino, qualificação do corpo docente e um processo específico de avaliação. Enfrentando os desafios e aproveitando as vantagens, a EaD pode oferecer uma educação superior de alta qualidade, acessível e eficaz. À medida que a sociedade se torna cada vez mais digital, o ensino superior a distância não é apenas uma alternativa, mas uma necessidade adaptativa às novas dinâmicas sociais. Para garantir a sua qualidade, é fundamental um compromisso contínuo com a inovação e a excelência educacional.